



RUSSIA — NIJNI-NOVGOROD.

Nijni-Novgorod, capital da provincia de Nijegorod, na Grande Russia, é uma formosa povoação, situada nas margens pittorescas do Volga.

Nijni-Novgorod, em idioma russo, quer dizer *nova cidade baixa*, distinguindo-se assim da antiga Novgorod, que é também conhecida sob o epitheto de *veliki*, ou grande.

A população da provincia de Nijegorod era, em 1827, superior a 1.300:000 habitantes, e a da cidade a que nos referimos de 25:000, distribuidos por 3:700 casas.

Nijni-Novgorod é um dos principaes entrepostos do commercio da Russia na Europa, vantagem que deve á sua posição central entre o norte e o meio dia do grande imperio moscovita, á proximidade em que lhe ficam as preciosas minas de Pernie, e á navegação do Volga e do Oka, que ali confundem as suas aguas.

N'aquella cidade encontram-se vastas manufacturas de cordoalha, fabricas de refinação de cebo, fundições de ferro e cobre, e muitos outros estabelecimentos, que revelam a existencia de um povo industrioso e activo.

Para que possa fazer-se aproximada idéa do movimento marítimo de Nijni-Novgorod basta dizer, que no seu porto surgem annualmente 3:000 barcas, tripuladas por 70:000 *bourloki*, ou bateleiros.

N'esta interessante cidade contam-se duas igrejas cathedraes, onde estão depositados os cadaveres dos

antigos soberanos de Moscovia. Na da Transfiguração vê-se, entre os tumulos dos arcebispos, o do celebre Cosme Minino, que sacrificou todos os seus haveres, os seus filhos e a si próprio em defeza da patria, opprimida por usurpadores, e dilacerada pela mais horrivel anarchia, conseguindo salvá-la com o auxilio do famoso principe Demetrio Pojarski.

Pedro o grande honrou os seus manes, visitando o jazigo do virtuoso cidadão, que tão finas provas dera de dedicação patriótica.

O imperador Alexandre fez ainda mais, mandando erigir um soberbo monumento de bronze, que representa Cosme Minino e o principe Pojarski, jurando salvar a nação da ruina eminente.

Desde 1817 tem lugar em Nijni a celebre feira de Makarief, na qual se reúnem todos os annos cerca de 150:000 pessoas de diversas nações. Esta feira, que pode considerar-se como a mais importante da Europa, dura todo o mez de julho, orçando-se o movimento das transacções ali effectuadas regularmente na enorme somma de 100 milhões de rublos de prata, ou setenta mil contos de réis da nossa moeda!... (1)

Ha fidalgos sem serem cavalheiros; e cavalheiros sem serem fidalgos.

M. CARVALHO — APHORISMOS.

(1) Malte Brun Geographia.

D. SEBASTIÃO O DESEJADO.

LENDAS NACIONALES.

IX.

... Por onde em alta voz, quanto posso, testemunho e certifico ser o verdadeiro rei D. Sebastião nosso senhor: assim como Deus é Deus.

D. JOÃO DE CASTRO.

MYSTERIO.

Vae alta a noute; e a lua, passando nos céus, reflecte seus raios amortecidos sobre as aguas do Mediterraneo, e dá aspecto de cadaver ao antigo castello de S. Lucar. Tudo ali parece sepultado em profundo somno, á excepção dos atalaias, que, a intervallos, rompem esta triste mudez com seu rouco bradar álerca; mas a verdade é que não são unicamente elles que velam na feia prizão d'estado.

Não divisaes no fundo de horrivel calabouço aquelle homem cadaverico, assoberbado por pezados grilhões, e face a face com a ultima agonía? A sua unica esperanza está posta em Deus! A vida para elle é um fardo pezadissimo, de que deseja anciosamente livrar-se. Nos aposentos do governador tambem se enxergam dous homens, que passeiam agitados; ouçamos o que dizem:

Duque de Medina-Sidonia.

«Allianço-vos que é o verdadeiro D. Sebastião de Portugal. O proprio Diogo de Sousa confessou á hora da morte ter conduzido para Lisboa o joven monarcha, escapado a custo e mal ferido da batalha de Alcacer. Sabeis como o moço rei era supersticioso? Viu o desalento no seu povo, e não teve animo de se lhe apresentar, vencido, humilhado, e coberto do nobre sangue dos seus cavalleiros. Foi em peregrinação a Jerusalem, aonde muito soffreu em poder dos turcos, até que resgatado milagrosamente, embarcou em Alexandria para Veneza, d'onde pretendia regressar á sua pátria. Eis-aqui a cifra que elle me disse haver na espada, com que el-rei me prendou em Guadalupe. Vedei-a? Estava com effeito na parte superior do panhe, dentro do globo que o remata.»

Conde de Lemos.

«Credulo sois em demasia, sr. duque. Porque não saberia esse homem um tão pequeno segredo? Se el-rei olvidou de o confiar a v. exc.^a, nem por isso se segue que o guardasse só para si como um mysterio.»

Duque.

«E duas embaixadas a Portugal que Philippe II me confiou, e nas quaes fallei a sós com D. Sebastião? Não vos disse já que o prezo me repetiu palavra por palavra toda a nossa conversação confidencial?»

Conde.

«Estaes verdadeiramente um visionario! Feliz foi a lembrança que teve o duque de Lerma de mandar transferir para o interior da Nova Castella o vosso prezo... O dia não tarda a raiar, e pôr-nos-hemos a caminho. Se ficasse mais tempo em vosso poder, receio muito que trocasseis o governo d'este castello pelo commando dos descontentes portuguezes.»

Duque.

«Nunca fui traider, sr. conde; mas tambem não

quero alcançar a privança de Philippe III e do seu valido por tão baixo preço, como é a perseguição de um desgraçado.»

Era uma allusão directa: o conde nada tinha que responder, e o dialogo parou.

O primeiro alvor da manhã começava então a despojar o astro da noute do seu brilhantismo emprestado; o silencio mais completo reinava por sobre aquellas abobadas, quando o som aziago de ferrolhos que corriam, e de gonzos em que rodavam pezadas portas, veiu despertar os dous fidalgos do seu differente meditar sobre o mesmo objecto.

—Adeus, sr. duque, disse o joven conde de Lemos, retirando-se apressado, para ir desempenhar o mister de aguazil; porém Medina Sidonia pareceu não o escutar: ficou algum tempo silencioso, e pregado no mesmo logar; depois arremecendo-se a uma poltrona, exclamou com viva commoção:

—Ah! não o poder eu salvar!

Passado algum tempo ouviu-se o tropear de cavallos, que se alongavam do castello; e os camponezes dos arredores de S. Lucar, que iam começar o seu trabalho diurno, viram passar uma cavalgada de homens armados, acompanhando umas andas, sobre as quaes conduziam um homem com o rosto tapado, e envolto em escuro capote.

Seria elle?...

Para acabar romanticamente esta lenda, deveriamos acrescentar que, ainda hoje, nos arredores da fortaleza tal em a Nova Castella, se vê á meia noute uma sombra, e se ouvem plangentes gemidos; que os aldeões das visinhanças dizem ser o espectro de um rei, que anda penando pelos males que acarretou sobre a sua patria; e mil outras cousas muito aterroradoras e mysteriosas: porém nós preferimos contar succintamente o que nos consta sobre o assumpto, sem faltar á verdade, que é a belleza das bellezas.

Não nos consta que em nenhum tomo dos castellos e outras prizões de Hespanha, se ache o verdadeiro ou o falso nome d'este homem, depois da saída de S. Lucar de Barrameda, por onde cremos piamente que elle foi assassinado a occultas, d'esta ou d'aquella fórma, porque a sua morte não fez estrondo: isto contra a opinião de mui *conspicuos* escriptores, d'entre os quaes citaremos um, Ignacio de Guevara, que em uma longa epopéa de doze cantos, relata a peregrinação de D. Sebastião. Eis-aqui o que o nosso poeta diz no canto V, estancias XI e XII.

Pelos portos de Hespanha foi levado,
De muita gente foi reconhecido,
E de muita mais gente foi buscado;
Só pelos castelhanos perseguido:
Do duque de Medina visitado,
No animo fiel bem assistido,
Té que por obra poz sua vontade
Sen lo causa de sua liberdade.

D'aqui se desterrou o nosso *Ausente*
Por onde o guiou a sua sorte,
Correu a maior parte do oriente,
Habitou muito tempo nas do norte;
Varias nações tem visto, varia gente,
E em varios successos sempre forte:
E assim ha de ser em quanto os fados
Não derem os trabalhos por passados.

Á margem da primeira das outavas que deixámos transcriptas, se lia no manuscrito, que tivemos na mão por obsequio de um sebastianista, á seguinte no-

ta, como explicação ao texto: «E assim o permittiu Deus em paga d'isto, que fosse sua filha rainha de Portugal.» (1)

O sr. Ignacio Pizarro, no seu *Romanceiro portuguez*, dá, seguindo outra velha tradição, o fim que se vae ver, ao *Cavalleiro da Cruz* (D. Sebastião).

No alto mar navegava
Uma galé castelhana,
Nos bancos d'ella remava,
Preza, a gloria lusitana:
Outra galé, que a seguia,
Dar-lhe caça parecia.

Buscava só a abordagem,
Sem um tiro disparar,
Como se da marinhagem
Receasse alguém matar;
Os arpéus já se lançaram,
Unidas galés ficaram.

A bandeira portugueza
Já ondêa vencedora;
Mas nem galé, nem a preza,
Se viram mais até agora.
Dizem que estão encantadas
N'umas ilhas fortunadas.

Ha muitos entusiastas do defunto rei, que ainda o crêem vivo... teria hoje 300 annos completos de idade!!!

Dizem que está encerrado em uma ilha incognita, esperando a determinação do Omnipotente para estabelecer o *Quinto imperio*: assim o asseguram numerosas prophcias. E um auto vimos nós, assignado pelo capitão, maruja e passageiros de um navio, attestando haverem aportado á tal insula mysteriosa, onde viram e trataram o velho monarcha, já macrobita, de barbas alvas de neve, e armado de ponto em branco. Deve chegar a Lisboa em uma manhã de nevoeiro, á sexta feira: tal é a crença mais geral da patriótica seita dos sebastianistas.

Agora nós. Acreditámos que D. Sebastião, rei de Portugal, não morreu no dia 4 de agosto de 1578, nos campos de Alcacerquibir; crêmos que era elle o mysterioso personagem, heroe d'esta legenda, que mendigou pela Italia, que soffreu dous annos de rigorosa prisão em Veneza, que foi expulso do seu territorio pela Senhoria, vendido em Florença por um Judas portuguez, arrastado ignominiosamente pelas ruas de Napoles, amarrado ás bancadas dos remadores nas galés da Sicilia, encerrado cautelosamente no castello de S. Lucar, conduzido depois ao interior de Castella, e... morto, não sabemos como. Porém não podemos crêr que as virtudes de D. Sebastião merecessem ao Altissimo um milagre tão especial, que o guardasse por tres seculos, contra a lei commum da humanidade, para vir um dia assolar o mundo com a formação do novo imperio: por conseguinte, antes de soar a trombeta final para a grande assemblea do valle de Josaphat, parece-nos irrisoria a pretensão de encontrar O DESEJADO.

Nota á precedente lenda.

Quando as grandes emprezas alcançam bom resultado, a historia registra-as como producto do valor

e capacidade d'aquelles que as commetteram; pelo contrario, se o desfecho é funesto, cabe aos emprendedores o labéu de inexperientes e temerarios, ou mais ainda. Esta invariavel regra de todos os tempos e de todos os paizes, tem immediata applicação á tentativa gigantesca do joven rei portuguez, que deu objecto aos primeiros capitulos d'este romance. Sem ir buscar precedentes fóra do paiz, nem comparações estranhas ao assumpto, vemos D. João I declarado heroe d'Africa, porque foi feliz na arriscada expedição de Ceuta; e seu filho, o sabio D. Duarte, merece as censuras dos chronistas, porque teve a desgraça de não sujeitar Tangere, e deixar morrer, por necessidade, o infante santo. D. Affonso V ganha o nome de Africano, porque rende Alcacer-Ceguer e Arzila; porém se a sorte lhe continuasse adversa como no primeiro e segundo ataques de Tangere, diferente sobrenome lhe imporia a historia. Quem ignora como toda a nação desapprovava as tentativas de descobrimento na Africa e além do cabo das Tormentas, que tornaram gloriosos os nomes do infante D. Henrique, de D. João II e D. Manuel? E que memoria deixariam nas chronicas estes dous soberanos se Bartholomeu Dias e Vasco da Gama fossem menos felizes? Pobre D. Sebastião! Instado por Muley Hamet para o soccorrer; sabendo que Muley Maluco o temia tanto, que se valia de empenhos em Castella para o afastar da empreza; cercado de corajosa mocidade que se propunha a seguil-o com enthusiasmo, e de tantos nobres e prelados, como apontamos no texto, afóra outros muitos que deixamos de mencionar, pois só do appellido de Menezes passaram seis á Africa com D. Sebastião, e cinco Freires d'Andrade, sendo até necessario que o rei determinasse ao duque de Cadaval e a outros que ficassem, contra gosto seu, no paiz; comprehendendo o erro de seu avô em largar aos mouros as praças conquistadas pelos cavalleiros de Affonso V... que falta commetteu elle? Ir em pessoa commandar a expedição? Não segurar antes a successão da corôa? Eis os dous erros que lhe apontam os principaes escriptores! O proprio Fr. Bernardo da Cruz, não allega outras razões de pezo, e diz bem claro que eram essas as queixas do povo, o qual todavia não reprovava a guerra. O exercito não era tão pouco numeroso, nem tão bisonho pela maior parte, como pretenderam sustentar aquelles que justificam tudo pelos resultados; o modo como entrou na peleja attesta sufficientemente o seu valor: circumstancias funestas, algumas das quaes impossiveis de calcular, talvez mesmo a impetuosidade heroica do moço rei e dos seus guerreiros, levaram os portuguezes áquella desastrosa perda. Se a balança da victoria pendesse para o nosso lado, como chegou mesmo a succeder no principio da batalha, D. Sebastião era o arbitro da Mauritania, podia ser, se quizesse, imperador de Marrocos, e o seu reino estendia-se por aquelles Algarves d'além-mar, muito mais solido do que alargando-se por colonias longinquas na Asia e na Oceania.

Deixando porém de parte esta questão, já bastante ventilada por mais competentes escriptores do que nós, cumpre-nos agora confessar que uma ou outra vez faltamos á pontualidade historica no texto do romance, mas sem trahir a verdade essencial dos factos, como, por exemplo, alterando no capitulo III varias particularidades do embarque e da viagem, e, no capitulo IV, dando a morte de Camões como succedida logo depois da derrota d'Alcacer. Em outros pontos, não muitos, suprimos com a imaginação o silencio das chronicas, porque enfim era uma

(1) D. Luiza de Gusmão, mulher de D. João IV

lenda, e não a historia, que nos propuzemos escrever.

Agora, a datar do capitulo V, onde começa o verdadeiro assumpto d'este estudo: « Investigar se era ou não o verdadeiro D. Sebastião aquelle homem que successivamente apresentámos em Veneza, Florença, Napoles e S. Lucar, » não nos pertence senão a fórma da narração; o fundo foi achado em diversos manuscritos e impressos, de muitos auctores conhecidos, de outros anonymos, papeis avulsos, rumas de prophcias, e finalmente no livro de D. João de Castro: *Discurso da vida de D. Sebastião*, unica edição, que tem a data de Paris, 1602, e da qual parece não existirem mais do que dous exemplares, um na bibliotheca real d'aquella cidade, outro, actualmente na Bibliotheca publica de Lisboa (suppomos nós) e este obtivemos por algumas horas, ha annos, da livraria de D. Francisco, pae do sr. conde da Silvan, a quem elle pertencia. A maneira por que se expressa o auctor no capitulo XXIV, pagina 126 verso, do seu *Discurso*, referindo-se ao protagonista d'este drama: *Poronde em alta voz, quanto posso: testemunho & certificado ser o verdadeiro Rey D. Sebastiam nosso Senhor: assi como Deos he Deos*; o tom de convicção do honrado neto do immortal vice-rei, abalaram-nos de tal maneira que para logo tratamos de escrever a lenda, e depois um drama sobre o assumpto, trabalhos que estavam imperfeitamente esboçados de ha muito; porque, sem que pertencessemos jamais á seita dos sebastianistas, desde a juventude, desde que folheamos a primeira vez um livro de historia portugueza, ficamos crendo que D. Sebastião não morrera na fatal jornada de Africa, e logo se nos alevantou o desejo de estudar cuidadosamente este ponto controverso e interessantissimo da nossa historia.

Algumas palavras pois sobre o assumpto, se não desagrade ao leitor seguir-nos n'este labyrintho.

Miguel Leitão d'Andrade, na sua *Miscellanea*, Jeronymo de Mendonça, na *Jornada de Africa*, e Fr. Bernardo da Cruz, na *Chronica de D. Sebastião*, tres auctores que assistiram á batalha de Alcacerquibir, affirmam que o rei de Portugal morrera n'aquelle campo: mas o primeiro conta que vira o cadaver do monarcha, porém que, entre os christãos e até entre os mouros, havia duvidas sobre se era aquelle ou não o corpo do rei; o segundo diz que ninguem vira matar a D. Sebastião, e a este respeito nota Diogo Barbosa Machado que « o mesmo epitaphio que está gravado no mausoleu, persuade, como logar do ultimo desengano, a incerteza de ser o verdadeiro corpo do monarcha que em si occulta. » Finalmente, o terceiro, assegurando que se encontrou o cadaver, acrescenta todavia que, no acto de o enterrarem, não foi reconhecido por Martim de Castro dos Rios, chamado expressamente para verificar a identidade do corpo. Outros escriptores, não contemporaneos do successo, alguns dos quaes vendidos aos interesses de Castella, seguem a opinião d'estes tres, mas nem provas, nem raciocinios convincentes nos deixaram. Tornámos a lembrar ao leitor que se trata tão sómente de investigar se a morte de D. Sebastião teve logar em 4 de agosto de 1578, e não de discutir se ainda estará vivo em 1855. Dada esta necessaria explicação, continuemos.

D. João de Castro affirma ter reconhecido el-rei D. Sebastião no pobre de Veneza, prezo sob o nome de Marco Tullio Catissoni, e dá por testemunhas todos esses nobres portuguezes que puzemos em scena no V, VI e VII capitulos da nossa lenda; conta minuciosamente todas as circumstancias exaradas n'a-

quelles e nos seguintes capitulos, e consagra exclusivamente a sua longa vida á generosa empreza de defender a innocencia, a verdade e o seu rei. Seria elle visionario? Estaria demente? Ninguem tal disse, nem mesmo os seus mais crueis inimigos. As duvidas sobre a morte de D. Sebastião na batalha de Alcacer, começaram desde logo a ter voga entre o povo. Apenas chegou a armada de D. Diogo de Sousa, espalhou-se o boato de que el-rei vinha a bordo; e parecia justificar esta persuasão o subito regresso d'aquella armada, que abandonára a bôca do rio de Larache e os restos do exercito inesperadamente; tanto mais que se dizia ter recebido a capitanea uns homens encapotados, durante a noute que se seguiu ao dia do combate, e que logo pela manhã levantaram ancoras. D. João tambem foi testemunha ocular da batalha, e só disse d'el-rei: « Fez a derradeira entrada nos inimigos, d'onde se não achou ninguem que o visse matar ou captivar. »

Machado, nas *Memorias para a historia de Portugal*, expressa-se d'este modo ácerca do mesmo assumpto: « Envolto na barbara multidão, desapareceu aos olhos de todos, deixando a posteridade igualmente duvidosa da sua vida como da sua morte. » E mais adiante, tratando dos impostores que em Penamacor, Ericeira e Madrigal (Castella) fingiram de D. Sebastião, acrescenta, a respeito do heroe da nossa lenda: « Excedeu a estes fingidos principes (se é que não foi o verdadeiro) aquelle que appareceu em Veneza em 1598, etc. » Bayão, La Clede, e outros muitos escriptores, assim nacionaes como estrangeiros, se inclinam á mesma opinião, contra a qual apenas ha o testemunho de um só homem, o dezembargador do paço Belchior do Amaral, que affirma ter enterrado em Africa o corpo de D. Sebastião; e essa unica prova de obito serviu para que o cardeal D. Henrique trocasse o titulo de governador, curador e defensor do reino, pela magestade do throno, depois de ter feito proceder á cerimonia de quebrar os escudos, no meio de duvidas e de lagrimas.

Entre os mil testemunhos adduzidos em favor da opinião, que francamente confessámos ser a nossa, apparece um do soldado Miguel Leitão, do terço de D. Christovão de Tavora, que diz ter visto o rei vadear o Lucus, depois do combate, e outro de um Antunes, creado do cardeal-rei, que assegura ter estado D. Sebastião em Sagres, n'um convento de monges da provincia da Piedade: se estas provas não são valiosas, e não o são, as contrarias tambem pouco credito merecem.

Terminaremos pois esta nota, que já vac bastante longa, repetindo ácerca do destino de D. Sebastião, a avisada opinião de um escriptor serio, como é Diogo Barbosa, que diz « ser tão mal fundada a noticia de ser morto na batalha, como indiscreta a certeza de estar ainda vivo. »

F. M. BORDALO.

CONTRATO DO SABÃO EM PORTUGAL.

O privilegio das saboarias tem sido ha seculos explorado em Portugal por individuos ou associações poderosas, mediante o pagamento ao estado de determinada quantia; mas em manifesto prejuizo dos povos, compellidos a comprar, pelo preço que lhe arbitraram os monopolisadores, um genero aliás de primeira necessidade.

Não se cuide porém que os povos soffreram sempre calados: pelo menos o curioso documento que

abaixo copiámos, (o mais antigo que a semelhante respeito conhecemos); prova que elles sabiam aproveitar as occasiões de representar, por via dos seus procuradores legitimos, contra um semelhante privilegio, pedindo a sua abolição.

O documento a que nos referimos, é o *capitulo*, apresentado nas côrtes de 1481-1482, celebradas em Evora. Damos o texto orthographado, quanto possível, á moderna para sua melhor intelligencia.

Capitulo que falla no sabão e saboarias.

« Senhor. Parece a vossos povos estranho, que de seu azeite e cinza não possa cada um fazer sabão para despeza de sua casa, e que per prema o vão comprar ao rendeiro, que arrendada tem a saboaria, no que o vosso povo recebe muito aggravo e perda, sem até aqui haver corregimento. Pedem-vos por mercê que estas saboarias vossa alteza lhes deixe, e mande que cada um faça livremente sabão, sem por ello incorrer em pena; e quando vossa alteza as não tirar, ao menos mande, que quem o sabão quizer fazer para sua despeza, que o possa fazer, e não o venda a alguma pessoa, e quem o comprar quizer vá áquelle ordenado, que o tem per licença vossa, e em esto, senhor, fareis muita mercê a vossos povos; e já, senhor, por el-rei Duarte, vosso avô, em umas côrtes que fez em Santarem, foi determinado que per morte do infante D. Henrique ficassem as saboarias ao povo, e as mais hi não houvesse; o que, muito poderoso senhor, vossa alteza deve confirmar e approvar, por fazerdes mercê e justiça a vossos povos. » (1)

SILVIO PELLICO.

Quando em outro lugar descrevemos as horriveis prizões do Spielberg, referimo-nos por vezes a Silvio Pellico, esse virtuoso italiano, cujos infortunios excitaram a geral sympathia.

Ainda hoje é quasi um mysterio o motivo porque sujeito dotado de tanta candura incorresse no desgraçado do governo austriaco, sendo victima de uma perseguição tão atroz como injustificavel.

Pellico nascêra em Saluzzo, no Piemonte, em 1789. Seu pae, primeiro director de uma fabrica de fiação de seda, e depois chefe de divisão no ministerio da guerra em Turim, deu-lhe uma educação esmerada, não se descuidando de lhe favorecer a inclinação que desde os annos tenros mostrára pela poesia.

Residindo algum tempo depois em Lyãoahi se dedicou o joven Silvio Pellico ao estudo da litteratura franceza. Se continuasse vivendo n'aquella cidade, quem sabe se Pellico adquiriria a popularidade, que lhe grangearam os seus talentos e desgraça?

O novo emprego que seu pae obtivera em Milão, o obrigou a regressar á Italia.

De sociedade com Monti e Ugo Foscolo compoz então a *Francisca de Rimini*, que foi representada em todos os theatros d'aquella peninsula.

N'esta tragedia, como nas seguintes, Pellico procurára imitar a escola de Alfieri: a mesma simplicidade na acção, a mesma clareza, a mesma correção de linguagem. O successo brilhante d'esta composição fez conhecido o nome do auctor.

Considerado pela alta sociedade de Milão, procurado e consultado por estrangeiros distinctos, que viajavam pela Italia, taes como M.^{me} de Stael, Byron,

(1) Archivo nacional. masso I, de supp. de côrtes, doc. num. 5.

Brougham, Schlegel, e muitos outros, Pellico concebeu a idéa da fundação de um jornal litterario e politico, o *Conciliador*. O pensamento d'esta publicação era grandioso e patriótico; regenerar a Italia pela litteratura e pela sciencia.



O governo austriaco porém viu, com a desconfiança propria de uma auctoridade oppressora, surgir este pregoeiro das glorias do antigo Laciurn: a accitação que aquella folha merecera do publico era mais um motivo de receio, que o seu programma inoffensivo não desvanecêra. Com effeito, ao cabo de um anno, quando muito, o jornal, redigido com exemplar moderação pelo afamado auctor da *Francisca de Rimini*, foi supprimido, e os editores e collaboradores mettidos em processo.

Silvio Pellico foi prezo em 3 de outubro de 1820, encerrado na prizão de Santa Margarida em Milão, transferido depois para os carcerees de Veneza, e finalmente condemnado a quinze annos de detenção nos calabouços do Spielberg.

Que crime commettêra Silvio Pellico para merecer tão dura pena? Amára com ardor a sua patria; e tanto bastára para que a sua sorte fosse igualada a do saltador e á do assassino!

Deus não permittiu que Pellico succumbisse ás privações mais crueis, e em 28 de julho de 1830 pôde saudar livre ainda uma vez o formoso astro do dia, na mesma occasião em que uma revolução popular desthronava em París a dynastia dos Bourbons, e inaugurava uma nova epocha politica!

Pouco depois publicou Silvio o primoroso livro que, immortalizando o seu nome, cobriu da execração universal o dos seus algozes. E todavia, a victima perdoára-lhes generosamente, como o Salvador perdoára áquelles que o crucificaram.

Todos devem ler as *Minhas Prizões*. É um livro precioso; quem não receberá com rosto sereno as tri-

bulações que Deus envia á triste humanidade, lendo n'aquellas sentidas paginas como Pellico soffrêra, sem um queixume, os mais barbaros tratamentos; sabendo, depois de tudo, perdoar?

Silvio Pellico falleceu no principio do anno de 1834 na cidade de Turim; e a posteridade, que já começou para elle, o aclama como um dos homens que mais tem resplandecido na Europa moderna pela claridade das suas virtudes eminentemente christãs!

GRATIDÃO.

Non, jamais ma main ne repousse
Ce symbole d'un sentiment;
Mais lorsque la main est plus douce
Je la serre plus tendrement.

LAMARTINE.

Se no mar que se encapella
Ruge o vento com furor,
Para que amaine a procella,
De seu barco off'rece a vela
O nauta, como em penhor.

Se no fragor da peleja
Valente soldado cae,
E mal ferido a cruz beija
Da espada, que deseja
Qu'um seu filho herde do pae:

Inda tem fallas, coitado,
Para ali mesmo jurar,
Que no seu pobre legado
Viverá o nome honrado
De quem ao filho o levar.

A andorinha constante
Ao sitio em que o ninho faz,
Embora em paiz distante,
Promette voltar amante,
E volta a morrer em paz!

Em longes terras ausente
Jura o amante voltar
Aos braços de quem, doente,
Fugir-lhe a vida já sente,
Se a não vem breve abraçar!

A lua desce á campina
Com seu pallido fulgor,
A aviventar a bonina
Que n'haste morre e se fira
Do sol pendida ao calor!

E no raminho pousada,
Onde a rôta os filhos têm,
Vigia a mãe consternada,
Que mão certa, damnada,
Não deixe os filhos sem mãe.

A Deus o nauta agradece
Já livre da perdição;
O ninho a andorinha tece,
O soldado a mão off'rece
A quem lhe deu o coração!

Só eu recebo um asylo,
E tão mudo hei de ficar,
Que supponham que é sigillo

De vaidade até aquillo
Que a todos devo contar?

Pois enganam-se. No canto
Que m'inspira o coração
Dos affectos o mais santo,
O que tem maior encanto,
Guardo aqui—A Gratidão.

Oxalá qu'inda algum dia,
Quantos a vida tem,
A gratidão que eu dizia
Não seja só poesia,
Possa proval-a tambem!

L. A. PALMEIRIM.

A ALFANDEGA DO PORTO.

O Porto é uma bella e grande cidade, que todos os dias cresce, e mais sem duvida cresceria se se fizessem alguns melhoramentos de que muito carece.

Não ha uma boa barra, havendo importantes sommas applicadas para as obras d'ella. Não ha um lazareto. Não ha uma casa de alfandega.

Por falta de uma boa barra, os naufragios são repetidos. E não vae ainda longe um, que cobriu de luto a cidade, pelas muitas e notaveis victimas que n'elle pereceram, á vista de uma população immensa, estendida pela praia, que lhes não pôde valer. No principio do actual inverno, o seu estado tem peiorado muito; e se continuar a peiorar, que será do Porto, sem navegação e sem commercio? ou que será da nação, privada dos recursos que tira do Porto?

Por falta de um lazareto, os navios chegados de paizes suspeitos, vem-se obrigados a irem fazer quarentena a Vigo, quando ahi não reina alguma epidemia, ou a Lisboa, com grande detrimento do commercio; e alguns navios, que não foram a uma parte nem a outra, já por duas vezes aqui trouxeram a febre amarella, que, se não fez maiores estragos, foi isso devido á salubridade do clima.

Da falta de uma casa de alfandega, quem ha que não comprehenda os prejuizos que resultam? Ha trinta annos, sendo eu corregedor e provedor da comarca, informei circumstanciadamente o governo, acerca d'estes prejuizos, da necessidade e dos meios de se levar a effeito uma obra tão necessaria. A minha informação, se se não tiver extraviado, ha de achar-se na secretaria da fazenda.

Tres locaes havia, entre os quaes então se dividiam as opiniões. Pensavam uns que a alfandega devia edificar-se e estabelecer-se em Miragaia, sitio baixo e sujeito a inundações. Outros, no espaço que occupava o antigo convento de S. Domingos, sitio um pouco distante do caes, alto, incommodo e dispendioso para as conducções das cargas ou fazendas desembarcadas. Outros tinham pelo local mais proprio, e mais correspondente ao fim, o do velho palheiro, servindo de casa de alfandega, e eu fui d'este voto, alargando-se o terreno, pela compra ou expropriação dos contiguos, em que não haveria embarço, fazendo-se as competentes indemnisações.

E quaes eram os meios, que eu propunha? Os mais suaves que podiam imaginar-se: os de se applicar para isso a divida activa preterita da alfandega, que era sufficiente, sem se tocar nos rendimentos correntes.

Então despachavam-se as fazendas, e entregavam-

se a seus donos, sem previo pagamento dos direitos. Era mui avultada a somma dos que se estavam devendo. E se se lhe desse o emprego designado, ter-se-iam evitado as perdas occasionadas por fallencias supervenientes, assim como se teriam poupado reis 7:000\$000 de alugueres annuaes de armazens, que por conta da alfandega andavam arrendados.

Posteriormente, tem-se fallado, tem-se meditado muito em se levantar esse tão retardado edificio, de que todos reconhecem a necessidade: e é cousa estranha, que trinta ou mais annos de meditações não tenham sido bastantes para se assentar n'um plano, e se ver surgir uma casa, que não deve ter a grandeza de alguma pyramide do Egypto, nem do palacio de Augusto, augmentado por Tiberio e por Caligula, em Roma.

Mais recente foi a lembrança da erecção da casa da bolsa, bella obra, mas de uma utilidade secundaria; na qual os negociantes se não tem costumado a juntar-se, juntando-se ainda na rua de S. Nicolau, onde se abrigam dos ardores do sol, procurando a sombra das casas; e da chuva, recolhendo-se nos portaes.

E a construcção do edificio da bolsa, com quanto n'isso muito se despendesse, não é argumento para que deixe de se fazer o da alfandega; é uma razão de mais, para que elle se faça. Se não houve duvida em se despende n'aquillo que não era se não util, como ha de havel-a em despende-se com aquillo que é de absoluta necessidade?

Para a construcção da bolsa, concedeu-se uma annual quantia, deduzida dos rendimentos da alfandega; e porque se não concederá outra, para a construcção da mesma alfandega?

Nem pareça que isso iria occasionar um intoleravel desfalque, pois o rendimento da alfandega do Porto é muito avultado, como consta dos mappas officiaes. A receita da referida alfandega, nos annos economicos abaixo indicados, foi a seguinte:

1847-1848	rs.	2.063:620\$753
1848-1849	»	1.891:347\$634
1850-1851	»	1.815:766\$999
1851-1852	»	1.883:060\$555

E se não ha difficuldade nos meios pecuniarios para a empreza de que se trata, tambem a não ha do lado da sciencia ou da arte, como a ha para outros objectos. Não é para ella necessario que a nautica e a medicina se reunam para nos dizerem como havemos de livrar-nos das epidemias importadas de remotos portos. Não é necessario que venham estrangeiros ensinar-nos como hão de quebrar-se os rochedos no fundo do mar, ou como se ha de abrir uma nova estrada, pela qual passem incolumes essas machinas fluctuantes, tão sujeitas a naufragar. Basta que o governo dispense uma modica porção d'aquelle grande rendimento, e que diga: fiat, e tudo se fará.

Este fiat porém deve ser dito sem demora, assim pelos expostos motivos, como para se occuparem braços, que na desgraçada epocha em que nos vemos procuram pão e trabalho, e não acham trabalho nem pão. A judiciosa maxima que diz que «a fome chega á porta do official, mas não ousa entrar,» é exacta em tempos normaes, e não nos extraordinarios das fataes calamidades, que flagellam as nações.

JOSÉ JOAQUIM RODRIGUES DE BASTOS.

RUNA.

Este pequeno logar está situado deliciosamente no centro de uma planicie cercada por elevados montes, que quasi a fecham, dando-lhe a fórma de uma vasta bacia. Se não fôra a passagem, que franqueam ao rio Sysandro, todas as saídas de Runa seriam mais ou menos ingremes subidas.

Poderoso no inverno com as muitas aguas, que recebe dos montes visinhos e de varios ribeiros, o Sysandro é pobre no estio, conservando apenas em algumas partes pegos profundos. Todavia apesar da sua pobreza na estação em que mais sensivel e sentida é, ainda assim mesmo aformosea muito toda aquella paizagem com o basto e copado arvoredado, que lhe guarnece ambas as margens.

Runa conta 94 fogos e 381 moradores. As casas, com poucas excepções, são de mesquinha apparencia. A freguezia é dedicada a S. João Baptista, e fica em um grande terreiro chamado o Rocio, passando-lhe pela frente a estrada real, que conduz de Lisboa, e segue até Torres Vedras.

Cereaes e vinho é a sua principal cultura, e quasi a unica que alimenta n'aquella terra o commercio de exportação. De azeite e legumes pouco sae, consome por assim dizer quanto cultiva. Porém de duas produções, que possui em abundancia, e que sobresaem em excellencia de qualidade, não tira partido algum por causa do triste estado dos caminhos. Fallo das suas saborosissimas fructas e dos bellos marmores, que encerra em uma pedreira situada a meia altura do monte a que se encosta o edificio do azilo dos invalidos militares, cuja igreja muito se adorna com elles.

Este magnifico edificio, que deve a sua existencia á caridade, e amor patrio da virtuosissima princeza D. Maria Francisca Benedicta (1), é o objecto que faz conhecido e nomeado o logar de Runa. A vastidão d'esta obra, a magnificencia com que foi começada e levada a cabo, e mais que tudo o fim de tão caridosa instituição, são motivos bem poderosos para dar celebridade a um sitio. Porém ainda quando ali se não erguera tão sumptuosa fabrica, Runa merecia ser visitada por todos os que sabem apreciar os formosos quadros da natureza. O terreno accidentado dos seus arredores, as viçosas e sombreadas margens do Sysandro, o serpentejar de alguns ribeiros, as cascatas de alguns açudes, varios grupos de rochedos entremeciados de arbustos, offerecem aos olhos em todas aquellas immediações paineis encantadores.

A gruta a que deu o nome a augusta fundadora do real asylo é uma curiosidade natural, que deve ser vista por quem visita aquelles logares. Além do valor historico, que lhe provém do apreço em que a tinha aquella princeza, que muito gostava de ir ali tomar alguma refeição, recommenda-se pela engraçada perspectiva da rocha coroada de arvoredado, e por toda a parte verdejando, e finalmente pela amenidade da sua situação.

O Senhor Jesus do Calvario, ermida edificada sobre rocha na crista de um monte, offerece ao viajante um passeio muito agradavel. Uma larga rua, orlada de arvores, o vae conduzindo pelo dorso da montanha até ao adro, a que fazem sombra cedros e acácias.

A vista que os olhos d'ali relanceam, para qualquer lado que se voltem, não a cria mais bella e

(1) Pode ver-se a historia da fundação, e a descripção d'este importante estabelecimento, bem como a vista geral do edificio, a paginas 110 e seguintes do terceiro volume da segunda serie

variada a imaginação do poeta nem o engenho do pintor.

Runa fica ao norte de Lisboa, a sete leguas de distancia d'esta capital, e a uma legua de Torres Vedras, a cujo concelho pertence. Apesar d'esta proximidade as estradas chegaram a tal ponto de ruina, que só por necessidade se podia emprender semelhante jornada. E isto tem concorrido para que sejam pouco conhecidos dos habitantes de Lisboa aquelles sitios tão pittorescos, aquelle soberbo edificio do asylo dos invalidos militares e palacio real, e finalmente os apreciaveis banhos chamados dos *Cucos*, que para algumas molestias são remedio prompto e efficaz, os quaes estão situados entre Runa e Torres Vedras, junto á estrada, que liga estas duas povoações. Felizmente não tardará muito, que a facilidade das communicações faça frequentadas e prosperas aquellas terras. A estrada pelo systema de Mac Adam, que as deve pôr em contacto com o Tejo na villa d'Alhandra, já está muito adiantada. Concluída que seja, a viagem será breve e summamente agradável.

I. DE VILHENA BARBOSA.

A POESIA.

A poesia nasceu dos campos, e por muito tempo só conheceu esse viver viçoso e perfumado. Veiu a fazer-se dama ambiciosa de mais refinadas delicias; assentou vivenda nas cidades, fez-se muito sabia, muito altiva, muito maledica, muito contradictoria; ora devota, ora impia, ora frívola, ora profunda, mas lá os seus campos nunca se lhe desluziram da lembrança. Em nenhuma parte a ouvirieis cantar combates, viagens, descobrimentos, artes, luxo, amores, ou desejos de melhor vida para além mundo, que lhe não fugisse um olhar de saudade para o seu paraizo de flores. A idade de ouro, que é a sua scisma continua, posta umas vezes no passado, outras no futuro: a idade de ouro, que era ella, senão a Arcadia, o viver campestre, manso e regalado?

CASTILHO—FELICIDADE PELA AGRICULTURA.

MACHINAS DE VAPOR EM FRANÇA.

No anno de 1845 contavam-se em França:

4:114 machinas fixas.

446 ditas em navios e edificios civis.

313 locomotivas de caminhos de ferro.

Estas 4:873 machinas representavam a força de 218:799 cavallos.

Dámos em seguida uma nota curiosa, pela qual se prova o augmento progressivo da applicação do vapor á industria e ao commercio n'aquelle florescente paiz.

Em 1840 as machinas a vapor

	substituiam	143:705 cavallos
1841	»	155:085 »
1842	»	161:207 »
1843	»	177:306 »
1844	»	188:847 »
1845	»	218:799 »

N'este ultimo anno o trabalho das machinas a vapor existentes em França considerava-se equivalente ao de 1.531:593 operarios!

BIBLIOGRAPHIA.

OS HOMENS DE MARMORE, DRAMA EM 5 ACTOS, PELO SR. J. DA S. MENDES LEAL JUNIOR.

O drama os *Homens de Marmore* veio illuminar de um fugaz clarão a decadente scena portugueza, e enriquecer o minguado repertorio nacional.

Dado em recitas successivas no theatro de D. Maria II, o applauso, ou antes o entusiasmo com que fôra recebido na primeira representação nunca esmoreceu. Foi um successo como poucas vezes se tinha visto.

Muitos dos apreciadores conscienciosos do poeta pediam com instancia a impressão do drama, que tão insuspeito e completo triumpho lhe alcançara. Este pedido acaba de ser satisfeito, e os *Homens de Marmore* poderão agora ser gostados ainda por aquelles que diversas circumstancias inibiram e inibem de assistir á sua reproducção scenica.

Os *Homens de Marmore* não é só um drama bem traçado. A acção corre simples, naturalmente, sem violencia, sem situações forçadas, até o desfecho, que completa o pensamento philosophico do auctor; os *Homens de Marmore*, mais do que tudo isso, é pela delicadeza admiravel do estylo, e pela correccção irreprehensivel da phrase, o monumento litterario de um dos mais superiores engenhos d'esta terra.

A edição que annunciámos, vae acompanhada de um proloquio devido á fecunda penna do sr. Rebelo da Silva, e de um esboço crítico pelo sr. A. P. Lopes de Mendonça.

Vende-se em Lisboa, na livraria do editor, rua Aurea, n.º 227 e 228, e na de Lavado, rua Augusta, n.º 8. Preço 480 réis.

Aquelles senhores que quizerem continuar a honrar-nos com a sua assignatura terão a bondade de o declarar, quanto antes, em Lisboa aos distribuidores; e nas provincias, aos respectivos correspondentes, ou *por carta franca* dirigida ao editor, e acompanhada de uma ordem da importancia da assignatura.

Preços, por anno 1\$300 rs., por semestre 700 rs., avulso 30 rs. Para as provincias (franco de porte) por anno 1\$570 rs., por semestre 830 rs.

Assigna-se para o Panorama: em Lisboa, na livraria do editor, A. J. Fernandes Lopes, rua do Ouro, n.º 227 e 228, e na do sr. Lavado, rua Augusta, n.º 8.

São correspondentes do editor: no Porto, o sr. A. R. da Cruz Coutinho; em Coimbra, o sr. A. H. Dardalhon; em Vianna do Castello, o sr. A. J. Pereira; Setubal, o sr. Manuel José Ferreira; Penafiel, o sr. Maximiano Dias de Castro; ilha da Madeira, o sr. Antonio José d'Araujo; ilha de S. Miguel, o sr. M. C. d'Albergaria Valle; ilha Terceira, o sr. J. M. de Mesquita Pimentel; Rio do Janeiro, o sr. Manuel José Vieira da Costa, rua da Quitanda; Pernambuco, o sr. Miguel José Alves; Bahia, a sr.ª Viuva Carvalho & F.º